

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
3.º VOLUME

◆
**O JUDEU
O INFERNO
A TRAIÇÃO
DO PADRE MARTINHO**

◆
ORGANIZAÇÃO, POSFÁCIO E NOTAS
DE LUIS FRANCISCO REBELLO

CAMINHO

BERNARDO
SANTARENO

OPUSCULO 2420
21710 V. 3



Título: **Obras Completas — 3.º volume**

Autor: Bernardo Santareno

Capa: Delgado Godinho

Orientação gráfica: Secção Gráfica da Editorial Caminho

Revisão tipográfica: Secção de Revisão
da Editorial Caminho

© Bernardo Santareno e Editorial Caminho, SARL
Lisboa, 1986

Tiragem: 3000 exemplares

Composição e impressão: Guilde - Artes Gráficas, Lda.

Data de impressão: Setembro de 1986

Depósito legal n.º 10 682/85

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
3.º VOLUME



O JUDEU
O INFERNO
A TRAIÇÃO
DO PADRE MARTINHO



*Organização, posfácio e notas
de Luiz Francisco Rebello*

CAMINHO

O JUDEU

Narrativa dramática
em três actos

1.ª edição, 1966 (Ática); 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª edições, 1968, 1974, 1978, 1981 e 1983 (Ática).

Tradução espanhola de Francisco Jover (Ed. Occitânia), Barcelona, 1969.

Representada pela primeira vez em 24 de Fevereiro de 1981 no Teatro Nacional de D. Maria II, numa encenação de Rogério Paulo, com cenário de António Alfredo e a seguinte interpretação: Rui de Carvalho (Cavaleiro de Oliveira), António Anjos (Padre Pregador), Rui Mendes (António José da Silva, o Judeu), Lígia Teles (Lourença Coutinho), Varela Silva (Inquisidor-Mor), António Rama e Carlos Cabral (1.º e 2.º Inquisidores), Costa Ferreira (D. João V), Curado Ribeiro (Diogo de Mendonça Corte-Real), Assis Pacheco (Cardeal da Mota), Henriqueta Maya (Leonor), Fernanda Borsatti (Madre Paula), Lourdes Norberto (Petronilha), Fátima de Sousa (Escrava Negra), Luz Franco (Maria do Rosário e Margarida do Monte), Mário Pereira (José Lavareda, 1.º Homem, Xanto e Júpiter), Fernando Nascimento (Estudante Pálido), Manuel Coelho (1.º Estudante, Sancho, Esopo e Semicúpio), Igor Sampaio (2.º Estudante, Padre Jesuíta e Luís António Verney), Luís Bandeira (3.º Estudante, Familiar do Santo Ofício, Escrivão, Enio e Saramago), Madalena Braga (Madre Superiora, Dama, Presa, Mulher e Actriz Velha), Carlos Duarte (D. Quixote, Lançarote e Penitente), Carlos Pimenta (Apolo, Períandro, Actor Jovem, Estudante, Convidado, 3.º Inquisidor e Familiar do Santo Ofício), Pedro Garrido (Poeta e Criado do Rei), Alberto Vilar (Meirinho, Tibúrcio, Anfitrião e Familiar do Santo Ofício), Albino Santos (Taberneiro, Bento Pereira e Familiar do Santo Ofício), Carlos Fonseca (2.º Homem e Familiar do Santo Ofício), António Sarmento (D. Luís da Cunha e Jesuíta), Maria Amélia Matta (1.ª Actriz e Alcmena), Paula Mora (2.ª Actriz, Penitente, Dama e Presa), Ana Maria (Rapariga de Coimbra, Penitente, Freira, Convidada e Presa), Vítor Ribeiro (Alexandre Gusmão).

Personagens do primeiro acto

CAVALEIRO DE OLIVEIRA
PADRE PREGADOR do auto-de-fé
ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA, O JUDEU
LOURENÇA COUTINHO
INQUISIDOR-MOR
1.º INQUISIDOR
2.º INQUISIDOR
REI
DIOGO DE MENDONÇA CORTE-REAL
CARDEAL DA MOTA
PADRE SECULAR, proclamador das sentenças
ESCRAVA NEGRA
ESTUDANTE PÁLIDO
JOSÉ LAVAREDA
MARIA DO ROSÁRIO
ANTÓNIO PEREIRA DE SÁ
RAINHA
PRÍNCIPE
PRINCESA

Penitentes dos autos-de-fé; Inquisidores; Familiares do Santo Ofício; Jesuítas; vozes de Homens e Mulheres assistentes do auto-de-fé; Homens, Mulheres e Crianças do povo; Estudantes; Raparigas de Coimbra; Servos e Servas de Lourença Coutinho; Criados e Fâmulos do Rei

Primeiro acto

Em toda a sua extensão visível, ao fundo e aos lados, o palco está revestido por uma cortina negra que se abre apenas ao F. C., desenhando o contorno duma ogiva de vitral. Este, fortemente iluminado, tem pintado o fundador do Santo Tribunal da Inquisição, São Domingos, tal como o vemos no estandarte do Santo Ofício: a espada numa das mãos e o ramo de oliveira na outra, tudo emoldurado pelo dístico «Misericordia et Justitia». Ainda ao F. C., por baixo do vitral, um grande Cristo crucificado e agónico, de madeira negra. Em plano mais dianteiro, também ao centro, uma mesa pétrea de altar e sobre ela alguns candelabros de prata, com as altas velas todas acesas.

À direita e à esquerda da mesa, um pouco mais avançados para o público, dois tronos sumptuosos, montados sobre estrado com degraus, de maneira a ficarem à mesma altura.

Mais próximos dos espectadores, um de cada lado, dois grandes genuflexórios de banco corrido, dispostos obliquamente e destinando-se aos réus do auto-de-fé.

A frente, ocupando os dois terços centrais do diâmetro transversal do palco, uma grade baixa.

Ainda mais perto do público, situando-se à extrema D., ou E., cerca de três metros acima do pavimento cénico, um púlpito de igreja cujo bojo avança mesmo sobre a orquestra.

Durante alguns segundos, com o palco ainda em obscuridade completa, ouve-se o EXURGE DOMINE ET JUDICA CAUSAM TUAM, cantado poderosamente por um coro masculino. Sinos de catedral.

Luz sobre o púlpito. Silêncio. Todo o restante dispositivo cénico, tal como as personagens que nele figuram, continua em obscuridade.

PADRE PREGADOR (*dirigindo-se aos espectadores de «O Judeu», que, nesta cena, funcionam como assistentes do auto-de-fé*): Ai, irmãos, meus muito amados nas entranhas benditas de Nosso Senhor! Ai, cristãos, herdeiros da justiça e da misericórdia divinas! Vinde e contemplai comigo a fera bruteza da herética pravidade. Pior que a lepra do corpo, que nos apodrece as carnes, nos rói os ossos, nos bebe a luz dos olhos e nos desfibra a raiz da fala... pior que a lepra do corpo é a lepra da alma — o pecado mortal. Uma criatura humana em pecado mortal: um túmulo nojento, engravidado pelo pus e mais sumos da podridão, pelos vermes inchados, pelos répteis venenosos! O pecado; os vossos pecados, meus irmãos! Ai, os vossos pecados mortais!... (*Vindo da assistência, ouve-se um choro de mulher aflita.*) Eu sei, amados meus, eu sei: os vossos, são os pecados da humana fraqueza... Ide, correi a lavá-los nas águas sempre virgens do Santo Sacramento da Penitência. Elas vos restituirão à dignidade de membros do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo. (*Iracundo.*) Mas o pecado de heresia não é fraqueza, antes força: força pertinaz e convicta, a que o sêmen maldito do Demónio dá a erecta contundência!... Quem? Quem haverá aqui capaz de dizer «Não!» a Nosso Senhor Jesus Cristo?! Quem ousará dizer-lhe «Não!», de coração frio e mente serena, uma vez quebrada a escama ardida com que o Diabo lhe venda os olhos? Quem?!... (*Silêncio, durante o qual os seus olhos incendiados dardejам o auditório. Subitamente brando, dulcíssimo.*) Jesus Cristo! O Cordeiro Virginal! O Santo dos Santos! Deus Encarnado! Jesus Amor! Jesus Crucificado!... (*Enérgico, com toda a indignação do amor ofendido, aponta o Cristo Negro do F. C. que, progressivamente iluminado, surgirá visível aos espectadores.*) Olhai, irmãos, contemplai o mais horrendo

quadro que olhos humanos já viram: Jesus pregado na Cruz; Deus Crucificado! A divina cabeça rasgada pelos espinhos do escárnio, os pulsos e os pés traspassados com ferocíssimo impulso, a chaga do lado aberta sem dó nem piedade... Lobos, negros lobos vorazes, focinhos empedernidos que os beijos do Demônio beijaram!... Matadores de Deus! Olhai, irmãos meus, contemplai comigo o crime dos inimigos da fé: Jesus agonizante na cruz! (*Debruçando-se mais para a assistência.*) Torturar em tormento esperto, matar o criador da vida! Cegar a Luz do Mundo! Odiar sem trégua Aquele que é o mesmo Amor! Desfigurar feição por feição — ai, paradoxo infernal! — Aquele que é, e sempre será até ao Juízo Final, a matriz de toda a Beleza!... Lobos raivosos, panteras sanguinárias... (*Apontando para os réus, com voz de estentor.*) Judeus! Raça de víboras! Raça maldita dos judeus! (*Pouco a pouco surgem da sombra os penitentes do Santo Ofício: de pé, ao longo dos dois genusflexórios, descalços e de cabeça descoberta, envergando uma espécie de hábito negro sem mangas; alguns vestem sobre este hábito um sambenito com línguas de fogo pintadas; todos empunham na mão direita um cirio aceso. Ao lado e um pouco atrás de cada réu, está um fidalgo Familiar do Santo Ofício; junto dos que se destinam à fogueira, também um padre jesuíta. Rumor hostil do povo exaltado.*) Sobre o crime nefando dos judeus deicidas passaram mil anos, mais quinhentos, mais duzentos ainda... e eles continuam surdos aos apelos terníssimos de Nosso Senhor, planeando — hoje como outrora... — o sangradouro da Sua divina carne! Hoje como dantes, podeis vê-los diante daquela Santa Imagem (*aponta o Cristo crucificado*) trincando as surdas orações do ódio, mil serpentes de sombra traiçoeira escoando-se-lhes dos olhos vis...! Hoje como outrora, podeis vê-los diante da divina figura de Jesus crucificado, ougados de vício nefando, a baba pestilena da fornicção demoníaca escorrendo dos seus danados beijos...!

VOZ DE HOMEM DO POVO (*entre os espectadores*): Ao queimadeiro! Façam a barba aos cães judeus!...

PADRE PREGADOR (*impondo silêncio*): Judeus conversos? Cristãos-novos? Que venham, sus! A Santa Madre Igreja abrir-lhes-á as suas portas com repique de sinos alvissareiros, beijar-lhes-á as faces, enxugar-lhes-á os pés!... (*Com ódio ateadado nos olhos.*) Mas que dispam as imundas vestes hebraicas antes de entrarem! As vestes manchadas com o sangue

bendito de Nosso Senhor... Que as dispam resolutos, sem impostura, nem disfarce! Ai, irmãos meus muito amados, desgraçadamente — sei-o eu, sabe-lo vós — tal coisa não acontece, as mais das vezes: a máscara «cristão-novo» esconde um judeu velho, um herege relapso, hipócrita, diminuto e obstinado, morada fedorenta do Demônio, profanador irre-misso do sacramento do baptismo! E são estes heresiarcas — verdugos do Senhor, matadores de Jesus! — que possuem a grossura desta terra, onde habitam com mais folgança que muitos de vós, seus naturais: os judeus — eles são praga, neste infeliz reino! — não lavram, nem plantam, nem constroem, nem guerreiam... Qual quê?! Vivem do trabalho suado dos outros, sem esforço dos membros próprios, ociosos e cozidos de todas as manhas!... Como os ratos correm ao queijo, eles vão de desgraça em desgraça, de miséria em miséria. Enganam, corrompem, roubam... E desta sorte, ainda por cima, acham mando, honra, favor e dinheiro! Nunca houve, não há, nem jamais haverá, nação mais inclinada à usura que a nação judaica. Já o disse São Jerónimo, já o gritava Santo Agostinho!

Por que vos admirais, cristãos, por que vos admirais do mar de fome e moléstias, de crime e concupiscência que afoga este reino?! Esta terra foi lavrada para a semente demoníaca dos hereges, a gangrena alastra das chagas horrendas que nela ferem protestantes e feiticeiros, iluminados e mais desquitados, místicos e materialistas averroístas, judeus... ai, judeus, judeus! (*Teatral, retórico.*) Acudi-nos, Senhor, salvai-nos e salvai Portugal! (*Com fúria santa.*) Judeus, heresiarcas hediondos, açoutes de Deus! (*Clamor do povo.*) Ano após ano, as colheitas dos vossos campos cada vez mais se vos negam de secas e minguas. Porquê? Porquê, se o sol mais os ventos e as chuvas lhes correm de feição?! Castigo, amados irmãos nas entranhas benditas de Nosso Senhor Jesus Cristo, castigo de Deus! Justiça divina tombada sobre este reino em cujos intestinos medra a heresia nefanda, crescem e recrescem os inimigos da fé! Castigo de Deus! (*Rumor agressivo do povo.*) O Senhor é justiça; e é misericórdia. Foi em hora de infinita misericórdia que Ele, em sonhos, segredou ao coração e ao pensamento duma santa, humilde e meiga mulher, os alicerces da obra salvadora que, sem quebra de alento, a todo o instante devemos louvar e bendizer. Falo, bem o sabeis, do Santo Tribunal da Inquisição e da piedosa mãe do

seu glorioso fundador, São Domingos. Pomba mística, estrangeira no mundo, que ela atravessou sempre curtida pelas soidades do Céu, Nosso Senhor escolheu esta mansa mulher para mensageira da sua misericórdia; esta santa mulher, o seu dulcíssimo coração levedado em ternura, a sua clara mente bem fundo lavrada pela Graça Divina. Foi desta pequenina e delicada flor que nasceu a grande, bela, jucunda, invencível e purificadora fogueira do Santo Ofício! Mistérios do insondável amor de Deus... (*Desde o começo das referências à Inquisição, a luz irá focando, primeiro os dois Inquisidores, logo depois o Inquisidor-Mor.*) Ó sonho misericordioso, do Santo Espírito inspirado! Ó poder incomensurável da caridade de Deus! Se é pelos frutos que a árvore se conhece, contemplai comigo as benesses deste santíssimo tribunal. Quantos autos-de-fé, como este solenes, como este esplendurosos — ai, cristãos, olhai que todo o ouro, todo o incenso, a mirra toda da Terra, pouca cousa são, quando postos em oferta no altar em que se glorifica a justiça de Deus! — quantos autos-de-fé, dizia eu, se têm alevantado pelo mundo além, desde que São Domingos, ardendo em zelos divinos, ateou a chama da primeira fogueira? Fogueira por Deus assoprada; penitência de amor. Que faria um de vós, irmãos muito queridos, que faria aquele de vós a quem a grangena apodrecesse um dos tenros membros no corpo estremecido dum filho? Logo acharia valor e coragem para, dum golpe só, lho cortar; não o credes? Com todas as fezes da dor no coração; bebendo até à gota derradeira o fel e o vinagre... Mas a ânsia de salvar a vida da cria, sobre tudo isto cavalgará! Desta sorte, procede o Santo Ofício com aqueles infelizes (*aponta os réus*) quando, esgotados todo o mel da doce persuasão, todo o amargo travo do santo temor, os condena ao queimadeiro, relaxando-os em carne ao braço secular. Quantos corações, empedernidos por férreo orgulho satânico, amolecem e se fundem em Deus, apenas nesta derradeira hora, quando as chamas já lhes beijam as carnes fornicadoras? Quantos?!... (*Para os réus, pondo as mãos, no estilo e com a mímica «mater dolorosa».*) Por que porfiiais em guerrear Deus Nosso Senhor, que tudo pode, tudo tem e tudo vos dará?! Olhai que o tormento e morte na fogueira pequeno, mesquinho e vil preço é, para o que com ele podereis comprar: a Vida Eterna! Por que porfiiais? Por que regateais com Deus?! Quebrai as grades do vosso coração, deixai entrar o Senhor: e os lenhos

ardentes vos parecerão pétalas de rosa, o fogo alteroso doce brisa de Primavera! Olhai que...

(Do grupo dos réus destaca-se José Lavareda, num movimento irreprimível, tenso de energia. Veste o hábito dos que vão ser relaxados ao braço secular para serem queimados. O seu sambenito, além de chamas com a ponta virada para cima, apresenta ainda pintado um tosco retrato da sua cabeça, sobre uma amálgama de répteis e cães de fauces escancaradas.)

JOSÉ LAVAREDA *(vibrante, para a assistência, gritando a sua profissão de fé):* O cristianismo é falso! E falso o seu messias, Jesus Cristo!... *(Alguns familiares do Santo Ofício precipitam-se para José Lavareda, tentando tapar-lhe a boca. Para o Padre Pregador.)* Falsas... falsas as tuas palavras!... *(Para o público, debatendo-se ainda.)* Chegou o tempo... Preparai-vos!... O verdadeiro Messias vem aí!...

(Os Familiares conseguem dominá-lo, amordaçando-o e reconduzindo-o ao lugar que ocupava entre os penitentes. Rumor alteado do povo. A iluminação do grupo dos Inquisidores atingiu agora o seu máximo: o 1.º e o 2.º Inquisidores, este principalmente, exteriorizam surpresa e indignação; o Geral mantém-se imóvel, inalterável a rigidez do seu rosto, apenas redobrado o brilho profundo e gelado dos olhos negros.)

PADRE PREGADOR *(reagiu à revolta de José Lavareda colericamente, dardejando-o com olhares apocalípticos. Retoma o sermão, com uma calma rumorosa de ódios):* É verdade incontroversa ser a misericórdia de Deus desmesurada, para a pobre medida do humano coração. Mas não é menos verdade, tanto como a primeira incontroversa, ser o ódio de Deus também desmesurado, absoluto. Não o esqueçais nunca, meus irmãos! *(Fúria desencadeada.)* Porque todos aqueles imundos — hereges, relapsos, apóstatas, dogmatistas, contumazes, negativos... — que, até ao momento último, negarem o Santo Nome de Jesus, obstinados e robustecidos com as negras forças de Satanás, esses, meus irmãos, esses, malditos dos homens e de Deus, descerão do fogo da Santa Inquisição para o fogo eterno do Inferno! «Per omnia saecula saeculorum!» Choro e ranger de dentes para os heresiarcas, sofrimento in-

findo para os amantes do Diabo! (*Clamor assanhado do povo. O Pregador silencia-o pelo gesto; de súbito untuoso, melífluo.*) Deus é misericórdia; misericórdia infinita. E assim como permite o mal, nos dá a mezinha: o Santo Ofício, o Santo Tribunal da Inquisição! Cárcere, potro, polé, excomunhão, confisco de bens materiais... a fogueira!, eis os remédios benditos da sua panaceia salvadora. Ai, irmãos, quantas almas terão sido limpas da lepra herética com esta santa botica? Quantas terão sido salvas para a eternidade?!... Como a madre amantíssima embala em seus braços o filhinho doente, com ele sofrendo o destempero das febres ruins, com ele saboreando o azedo das ervas curandeiras, assim a Santa Inquisição embala os míseros hereges; assim, com desvelado zelo na esperança curtido, lhes trata da saúde da alma! E mesmo quando a montanha encrespada do satânico orgulho resiste à provada eficácia dos seus revulsivos medicamentos, quando o Santo Ofício tem de relaxar ao braço secular — com quanta dor, irmãos! —, estas denegridas almas, ainda nestes aflitos extremos, o Santo Tribunal da Inquisição, de joelhos e com as mãos postas, não resiste em implorar para os hereges impenitentes a clemência dos reais juízes. Repetidamente lhes pede «com muita eficácia e instância se hajam com eles benigna e piedosamente e não procedam a pena de morte nem efusão de sangue»... Grito de maternal e subido amor, este instante rogo da Santa Madre Inquisição. Como uma mãe à qual a mente clara e temerosa diz estar o filho estremecido das suas vísceras condenado e mortiço, mas à qual o coração porfia em esse juízo negar, assim o Santo Ofício relaxa ao braço secular o herege relapso, convicto e diminuto, sabendo de ciência certa ser a fogueira o fim das suas passadas, mas — ai, a dor dum coração de mãe! —, mas sem ânimo nem afoiteza para tão triste destino aceitar! (*Para os réus, em rasgo de oratória teatral.*) Olhai, hereges e desquitados, pesai bem os vossos feros corações, quanto por amor das vossas almas perversas, guerreia e padece a Santa Inquisição!

Honra, graças e louvor aos Santos Inquisidores e seus nobres Familiares! (*Reverência.*) Honra, graças e redobrado louvor ao reverendíssimo padre Inquisidor-Mor! (*Vénia mais profunda e demorada, dirigida ao Geral da Inquisição. Este limita-se a agradecer com um leve e frio baixar da cabeça, inalterável sempre a expressão facial. O Padre Pregador pigarreia e continua o sermão, dirigindo-se mais uma vez aos*

réus.) Ovelhas tresmalhadas do cristianíssimo gado português! Vós, desgraçados! Vós, rebeldes pertinazes! Vós, a quem o Santo Officio relaxou ao braço secular, despi-vos de vãs esperanças enganosas. O fogo vos consumirá carne e osso; de vós sobejará tão-só um punhado de cinzas; cinzas que o vento e o mar esguedelharão até serem nada... nada! Como poderia a justiça d'El-Rei ir mais longe que o Santo Tribunal, em prática de misericórdia? Como poderia o braço do século sentenciar doutr'arte que não a do Santo Officio, se o supremo Juiz de ambos o mesmo é — Nosso Senhor Jesus Cristo?! Ai, irmãos, nesta concordância e similitude se gera e nasce o maior título de glória da Nação! Tem este reino dois pastores, unidos ambos num mesmo zelo apostólico, ambos ardendo na chama indivisa do mesmo Santo Espírito: a Madre Igreja, e no seio d'Ela o Tribunal da Inquisição; e o Rei, por direito divino encarnado na magnânima, cristianíssima e fidelíssima pessoa de sua majestade... (*Vénia profunda. O Rei surge agora iluminado, tal como o Cardeal da Mota e Diogo de Mendonça que lhe servem de comitiva. Ao pretender corresponder ao cumprimento do Padre Pregador, D. João V, nesta idade já bastante obeso, sofre um ataque de tosse brônquica, de maneira que do seu rendado peitilho se desprende, e cai no chão, o rico broche que o ornamentava. Logo pressurosos acorrem dois Familiares que, de cócoras, procuram a jóia, recolocando-a mesureiros nos bofes de sua majestade. Este deixa-os fazer, displicente, taful, mimado. Enquanto dura esta cena, o Padre Pregador suspende o sermão. Os olhos presos no Rei, aguarda, compondo no rosto uma máscara de cuidado, expectante e aflito. Resolvido o acidente, os Familiares voltam aos seus lugares. Logo, aliviada, se alegra a expressão do Pregador. Continua o sermão.*) É por direito divino — permiti, irmãos muito amados, que vo-lo rediga! — que sua majestade está à testa da governança deste reino. Por direito divino, cristãos, por direito directamente emanado da vontade onnipotente de Deus Nosso Senhor...! (*Nesta altura, o Rei tem um novo ataque de tosse. O Pregador interrompe-se mais uma vez. O Cardeal da Mota apressa-se em acudir ao Rei, batendo-lhe nas costas. Mais vermelhusca e pletórica ainda, sua majestade esvai-se em cuspido e ranho. A medo, o Padre Pregador recomeça.*) Tal como Jesus Cristo, o divino pastor, deu a sua Igreja às cinco partidas do mundo... (*terceiro ataque de tosse do Rei. Nova*

suspensão do Pregador) às cinco partidas do mundo, para que Ela seja, pelos séculos afora, a Sua Voz e o Seu Gesto, assim também... (*sua majestade espirra estrepitosamente. O Pregador cala-se, a custo disfarçando a impaciência. De cabeça baixa, aguarda. Quando lhe parece ter amainado a tempestade das reais assoadelas, retoma dignamente a postura erecta. E continua, receoso*) assim também... (*Perdeu o fio à meada; pigarreia confuso, decide-se e ataca «forte».*) Olhai, irmãos meus nas entranhas benditas de Nosso Senhor, contemplai com ungido gozo, cantai em hossanas de alegria a glória deste espectáculo mais que outro precioso: a Santa Inquisição e a real governança da Nação uma à outra unidas, como a esposa ao esposo amado! (*O Rei, risonho e enfatuado, olha ternamente para o Inquisidor-Geral. Este, imóvel e sempre impassível, não se dá conta.*) Tal como à esposa e ao esposo, no manso segredo do tálamo conjugal, a espertina dos muitos cuidados rouba o repouso do sono, ora a um ora a outro, arrancando quentes palavras do vigilante amor do qual são princípio e fim os filhos que ambos geraram, assim também a sorte temporal e a salvação eterna das lusíadas ovelhas roubam lazeres e folganças a sua majestade o Rei e a sua reverência o Inquisidor-Geral, um e outro porfiando na fazedura do comum bordado, do qual as linhas com que o cosem são o apostólico zelo, o santo temor, o doce recado, o clarividente aviso... Ai, cristãos, quão formoso isto é, quão levedado em promessas, quão santo e magnífico!

Dois pastores para o lusíada rebanho; dois pastores, mas um só e sempre o mesmo cajado. Bênção do Céu, graça divina!

(*Untuoso, maternal, efeminado.*) Esta ovelhinha, nua do natural agasalho, por de mais tosquiada, perde o tino, foge do rebanho e ousa aventurar-se no negro bosque onde tudo são lobos e perigos? Logo os dois pastores, cada qual pela sua banda, porfiadamente a procuram e, achando-a, com os santos unguentos que conheceis lhe tratam da saúde, com doces e próprias palavras do Evangelho a admoestam e cuidam de trazer ao rebanho. Olhai, ovelhinha perdida — diz um, diz o outro pastor, dizem talvez ambos num mesmo fôlego de amor —, olhai que mais fácil é a um camelo passar pelo fundo duma agulha que a um rico entrar no Céu! Por que então te queixas da tua pobreza? Por que invejas a abundância dos ricos?! Ai, como és ingrata, douda ovelhinha! Que mal

agradeces a Deus o dom inefável da santa pobreza!... Sucede agora que aquela outra, de tão gorda, de tão carregadinha de lã, se deixa ficar para trás, logo se perdendo da grossura do outrora manso gado português? Prestes, acodem os dois incansáveis pastores, e dum mesmo amoroso esforço a salvam, tosquiam brandamente, e de joelhos confortam!... Sim, irmãos, não deveis esquecer que, mais que benesse, a riqueza é provação. Os ricos são como ovelhinhas pesadas, para as quais todo o caminho é lonjura e toda a sombra um perigo. A vós, ricos que me escutais, daqui vos exorto a que tudo, tudo façais — exercícios de perfeição, preces fervorosas, cilícios de penitência... — a fim de assim puderdes suportar o peso de tanta lã, o peso da vossa cruz... tão grande! Ai, quanto me doem o perigo e as ciladas que, coitados de vós, sem culpa própria correis: inveja, roubo, fornicção, morte... com todos estes males o mundo vos ameaça! Com quanto amor, com quanto cuidado vos sigo na subida do vosso calvário!... (*Silêncio em que contempla a assistência amorosamente, com transbordante piedade.*) Portugueses, cristãos muito amados nas entranhas benditas de Nosso Senhor, é verdade que o nefando pecado heresiarca empesta este reino? Que a muitos já tocou e a muitos mais intenta pegar-se? É verdade. É desgraçadamente verdade. Contra a heresia maldita, deveis pois alertar-vos, a toda a hora e momento; por causa dela, tudo e todos temer; para a sacudirdes de vós, de tudo e de todos desconfiar. E, todos, cegamente cuidareis de buscar amparo e fortaleza, ao abrigo do estandarte invencível do Santo Tribunal da Inquisição, ao qual vos obrigareis a denunciar, como mandamento primeiro e sob pena de excomunhão maior, todo o suspeito herético, ainda que ele seja pessoa da vossa estima, protecção ou carnal parentesco — pai, mãe, irmão ou filho! Sim, amados meus, a herética perversão é uma verdade neste reino de Portugal. Mas verdade é também, visível e provada, ter o Senhor de Misericórdia pousado os seus divinos olhos sobre esta nação. Sobejas razões naturais e abundantes graças sobrenaturais no-lo auguram e mostram já de forma encorpada. Por isto vos incito, a vós, portugueses — nobreza, clero e arraia-miúda; ricos e pobres; virtuosos e pecadores... até a vós, hereges desquitados! —, por isto vos rogo e forço a que, confiando, tenhais esperança. Sim, cristãos, confiai os vossos humanos negócios à magnanimidade de sua majestade; esperai a vossa eterna salvação da misericórdia e da justiça do Santo

Ofício! E, desta sorte, achareis porto seguro. Guiados pelos dois providenciais pastores a quem Nosso Senhor confiou o grosso rebanho do gado lusíada, um real administrador dos terrenos corpos, o outro inquisitorial guardião das imortais consciências, um e outro unidos em estreito abraço redentor, um e outro ajoelhados aos pés de Jesus Cristo (*luz vermelha sobre o Cristo crucificado do F. C.*), um e outro brandindo a espada da justiça numa das mãos, e na outra o tenro ramo de oliveira... assim sabiamente conduzidos, assim com muita caridade tosquiados, assim com eficácia providíssima medicados contra as doenças da contradição, assim, em curto tempo, cantaremos o glorioso «Magnificat» que há-de celebrar a vinda ao mundo do reino de Deus, o reino de Deus em Portugal! (*Toque estridente de clarins.*) Glória a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo!

POVO: Glória à Santa Madre Igreja, Católica, Apostólica e Romana!

PADRE PREGADOR: Glória ao Santo Tribunal da Inquisição!

POVO: Glória a sua reverência, o Inquisidor-Geral!

(*O Inquisidor-Mor está de pé. Muito direito, rígido, quase incorpóreo; impressionante.*)

PADRE PREGADOR: Glória ao Reino de Portugal e dos Algarves, d'Aquém e d'Além Mar!

POVO: Glória a sua majestade, o Rei!

(*O Rei levanta-se. Senhoril, altaneiro, passeando os olhos pela multidão.*)

(*Recomeçam os sinos das catedrais de Lisboa. Escutado de pé, pelo Rei, pelo Inquisidor-Mor e por todos os presentes, volta a ouvir-se o canto EXURGE DOMINE ET JUDICA CAUSAM TUAM, cantado pelo mesmo coro masculino. O canto acabado, o Rei e o Inquisidor-Geral tornam a sentar-se. O Padre Pregador desce do púlpito, após ter reverenciado o altar, o Rei e o Inquisidor; dirige-se para o fundo-lateral, onde fica de pé. Silêncio expectante, sussurrado. Os réus do Santo Ofício mostram-se mais inquietos, transparecem mais vivo o terror que os possui. Do fundo de cena destacam-se três Inquisidores e um Padre Secular. Este último sobe ao púlpito, para proclamar as sentenças; o primeiro dos*

Inquisidores vai colocar-se de pé, de face para o público, sobre os degraus do altar: mostra, aberto de par em par, um grande livro dos Evangelhos, com encadernação e fechos de ouro; os dois Inquisidores restantes dispõem-se um de cada lado do porta-Evangelho, em plano um pouco superior ao deste, também sobre a escada do altar: tanto um como o outro seguram na mão erguida um candelabro argênteo, com as velas acesas.)

PADRE SECULAR (*do púlpito*): António Pereira de Sá, senhor de Atouguia, com quarenta e cinco anos de idade (*o acusado sai da fila dos réus e vai ajoelhar-se no centro da cena, assim escutando a sentença; acompanha-o o respectivo Familiar do Santo Ofício que se mantém de pé, um passo atrás*), reconciliado que foi por culpas de luteranismo ao auto público de fé que se celebrou no Rocio desta mesma cidade de Lisboa, em 19 de Abril de 1716. Autor de escritos onde afirma proposições reprovadas pela Santa Madre Igreja, em que ousa contestar as indulgências e a autoridade de sua santidade, o Papa. Acordam os Inquisidores e deputados da Santa Inquisição nas penas de cárcere a arbítrio e confisco de todos os bens, aplicados de direito.

(O penitente ergue-se, vai ajoelhar-se aos pés do Inquisidor porta-Evangelho, recita com este a fórmula da abjuração e beija o livro sagrado. Sempre acompanhado pelo Familiar, volta a ocupar o seu lugar entre os réus.)

PADRE SECULAR: José Lavareda, cristão-novo, com trinta anos de idade, ourives... (*o réu, sempre amordaçado, não se move; o Familiar e o Padre Jesuíta dele encarregados, um de cada banda, tomam-no pelo braço e, discretamente, forçam-no a ir ao centro; isto feito, retrocedem o passo que o ritual exige; Lavareda não se ajoelha, antes toma uma postura arrogante de desafio e rebeldia, fuzilando com os olhos o Padre Proclamador; pausa, suspensão do cerimonial, num silêncio mordido de ódios; avança então o Jesuíta que, mansamente, fala ao ouvido do acusado; este empertiga-se mais e a sua face adquire uma expressão de troça raivosa; o Jesuíta hesitante, receoso, acaba por recuar até à anterior posição*) ourives, reconciliado que foi por culpas de judaísmo, no auto público de fé que se celebrou na igreja do Convento de São Domingos, desta cidade de Lisboa, em 10 de Outubro de 1720.

(Pausa. Marcando as sílabas, ardente, terrível.) Preso segunda vez, por relapsia das mesmas culpas. Acordam os Inquisidores, ordinários e deputados da Santa Inquisição que, vistos os autos próprios, seja condenado como a herege, apóstata, dogmatista, contumaz e negativo, incorrendo nas penas de excomunhão maior, de confisco de todos os seus bens aplicados a quem de direito e nas mais penas em direito contra os semelhantes estabelecidas. *(Pausa que saboreia com volúpia sádica, os olhos presos nos de Lavareda. Violento, com voz poderosa.)*

Excluído da jurisdição eclesiástica.
Relaxado em carne à justiça secular.

(Logo brando, com voz e expressão falsamente condoídas.) Acordam ainda os Inquisidores, ordinários e deputados, em pedir ao braço secular, com muita eficácia e insistência, se haja com o condenado benigna e piedosamente, não proceda a pena de morte, nem efusão de sangue.

(Lavareda volta-se de face para a assistência, num brusco e enérgico movimento. A cabeça orgulhosamente levantada, os olhos incendiados, na boca sempre a mordaca... Todo ele vale um ativo e forte cartaz de protesto. O Jesuíta e o Familiar aproximam-se tentando, de acordo com o ritual, acompanhá-lo até junto do porta-Evangelho, para que faça a abjuração. Lavareda afasta-os, brusco, rígido. Destacam-se mais dois Familiares do Santo Ofício que, juntamente com o próprio do réu, o levam em peso até ao altar, forçando-o a ajoelhar-se diante do Padre porta-Evangelho. José Lavareda, a cabeça obstinadamente voltada para baixo e para o lado, cerra com força os dentes, recusando-se a recitar a fórmula da abjuração. Os Familiares, com mal contida raiva, acabam por o levantar. Lavareda sacode as mãos que o prendem e dirige-se sozinho para o seu lugar entre os réus, com firme passada, decidido e altaneiro. Logo seguido pelos Familiares e pelo Jesuíta.)

VOZ DE MULHER *(vinda da assistência; rebentando apaixonada, irreprimível):* Eh, judeu maldito! Eh, Satanás! Hoje há festa no Inferno!

VOZ DE HOMEM *(na assistência):* Eh, judeu piolhoso! Anda, presume agora, que logo na fogueira hás-de bailar!

OUTRA VOZ DE HOMEM (*gargalhada cruel*): O vento hoje corre de feição!... (*Risos da assistência.*)

VOZ DE HOMEM: Ai, vento, ventinho do meu coração! Corre, corre depressa, põe-me de rastos a fogueira que àquele cão há-de queimar, acrescenta de três cada hora que ele no queimadeiro padecer! (*Risos.*)

OUTRA VOZ DE HOMEM: Que uma noite inteira não seja bastante para, bocado a bocado, a tua carne assar, porco sujo! (*Gargalhadas do povo assistente.*)

PADRE SECULAR (*compõe, para a assistência, uma máscara pouco convincente de desaprovação e pede silêncio com o gesto. Continua a proclamar as sentenças*): Maria do Rosário, religiosa professa no Convento de Santa Maria Madalena, desta cidade de Lisboa, com trinta e cinco anos de idade. (*A acusada sai da fileira dos réus e executa os actos do ritual: vacilante, transida, os olhos espavoridos.*) Confitente e afirmativa, provado ficou nos autos próprios ter ela havido com o Diabo um pacto nefando, com coitos danados muitas vezes repetidos, e do mesmo Demónio ter parido sete filhos — cachorros, gatos e monstros...

VOZ DE MULHER (*na assistência*): Queimem-na! Queimem-na!... (*Vozeria ameaçadora do povo.*)

PADRE SECULAR (*impondo silêncio*): Mais se provou, nos autos próprios, ter ela sarado muitos doentes à distância, o que não podia ser sem auxílio do mesmo Demónio, pois todo o remédio para causar efeito se deve aplicar por contacto ao dito enfermo...

OUTRA VOZ DE MULHER (*na assistência*): Só ver-te é uma perdição! Ao queimadeiro!... (*Clamor dos assistentes.*)

PADRE SECULAR: Acordam os Inquisidores, ordinários e deputados da Santa Inquisição, no carácter afirmativo e bastante das confissões em os autos lavradas, e com muita misericórdia a condenam às penas que ora proclamarei: açoutes públicos, executados no Largo do Convento, à porta da igreja, em cada uma das três domingas que a este auto-de-fé se seguirem. (*Riso grosso de mulher, na assistência; rumor geral.*) Hábito penitencial por toda a vida, o qual sempre vestirá com muita humildade, mesmo quando for mandada esmolar pelas ruas desta cidade de Lisboa, o que miúdas vezes terá de acontecer...

VOZ DE HOMEM (*risada feroz*): Três pauladas e uma dentada, como esmola te darei! (*Risos.*)

PADRE SECULAR: Cárcere perpétuo, no próprio convento que os seus pecados desonraram, ficando as mais religiosas da comunidade obrigadas a, sem hesitação, usarem o seu corpo como degrau, todas as vezes que no refeitório entrarem para comer.

VOZ DE MULHER (*bravia, sobrepondo-se ao alarido geral*): Esfreguem-na com azeite a ferver! Limpem-na dos beijos do Demónio!...

(*O Padre Secular, com o gesto, impõe silêncio. Maria do Rosário, cada vez mais aterrorizada, está agora a balbuciar a abjuração. Ergue-se penosamente e dirige-se para o seu lugar entre os réus; a meio caminho, fraqueja e cai de joelhos; risadas do público; o Familiar que nestes passos a tem acompanhado logo a levanta, ajudando-a a chegar ao genuflexório dos penitentes.*)

PADRE SECULAR (*continuando a proclamar as sentenças*): Lourença Coutinho, cristã-nova, com cinquenta anos de idade, viúva de João Mendes da Silva que foi advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro e moradora nesta de Lisboa ocidental. (*Lourença destaca-se de entre os acusados e vai executando todos os actos da cerimónia com passo lento e medido, serenamente, com natural dignidade dolorosa. De grande fragilidade corpórea, muito pálida, envelhecida para a idade, nunca levanta os olhos do pavimento, a cabeça sempre um pouco inclinada num jeito resignado, patético. Brigando com esta aparente fraqueza, sente-se todavia nela algo de obstinado e interior, na precisão dos gestos delicados, na grácil simplicidade, no como que alheamento do meio terrífico que a cerca.*) Reconciliada que foi por culpas de judaísmo, no auto público de fé que se celebrou no Rocio desta cidade, em 9 de Julho de 1713. Presa segunda vez por relapsia das mesmas culpas. Acordam os Inquisidores, ordinários e deputados da Santa Inquisição que, vistos os autos próprios, seja condenada às penas de cárcere a arbítrio e uso do hábito penitencial.

(*Rumor hostil do povo. Feita a abjuração, Lourença reocupa o seu lugar entre os réus penitentes; o mesmo faz o fidalgo, Familiar do Santo Ofício, que nestes passos a seguiu.*)